

**A FRAGMENTAÇÃO DO EU NUM MUNDO ESTILHAÇADO EM *O ÁLBUM NEGRO*, DE HANIF KUREISHI**Marcia Iwai<sup>1</sup>**Resumo**

Neste artigo, discutimos o romance *O álbum negro* (1995), de Hanif Kureishi, e abordamos temas como as culturas híbridas, a fragmentação do mundo e do Eu, a ruptura de fronteiras e as novas identidades étnicas, num mundo pós-moderno e pós-colonial, tendo como base autores como Stuart Hall, Clifford Geertz e Elaine Showalter. Por meio deste romance (em que um jovem inglês de origem paquistanesa busca sua própria identidade numa Londres multicultural e caótica), e comparando-o também a outras obras do autor, desejamos refletir sobre como a literatura pós-colonial tematiza essas questões tão relevantes e fundamentais na atualidade. Assim, no romance de Kureishi, encontramos personagens de origens étnicas diversas que, num mundo onde veem nada mais que confusão, sentem-se fragmentados, estilhaçados. Dessa forma, a fragmentação do mundo se mostra também na fragmentação do Eu.

**Palavras-chave:** literatura pós-colonial; Hanif Kureishi; *O álbum negro*; identidades étnicas; culturas híbridas.

**THE FRAGMENTATION OF THE SELF IN A WORLD IN PIECES, IN HANIF KUREISHI'S *THE BLACK ALBUM*****Abstract**

In this article, we intend to discuss the novel *The black album* (1995), by Hanif Kureishi, aiming at themes such as hybrid cultures, the fragmentation of the world and of the Self, the burst of frontiers, and the new ethnic identities in a post-modern and post-colonial world, based on authors such as Stuart Hall, Clifford Geertz, and Elaine Showalter. Through this novel (in which an English youngster of Pakistani origins searches for his own identity in a multicultural and chaotic London), and making comparisons with other works by the author, we wish to make a reflection on how post-colonial literature approaches such relevant and fundamental questions nowadays. In Kureishi's novel, we find characters of different ethnic origins who feel fragmented in a world where they see nothing but confusion. Thus, the fragmentation of the world can also be found in the fragmentation of the Self.

**Keywords:** post-colonial literature; Hanif Kureishi; *The black album*; ethnic identities; hybrid cultures.

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, com a dissertação “O romance de aventura europeu e a construção do Outro: Uma análise de *O mundo perdido*, de Arthur Conan Doyle” (2010).

No romance *O álbum negro*, de 1995, o autor Hanif Kureishi, em meio à narrativa, assim descreve a situação de Shahid, sua personagem principal:

Sua própria personalidade o confundia cada vez mais. Um dia sentia algo apaixonadamente, no dia seguinte o oposto. Em outras ocasiões, mudava de opinião de hora em hora. Por vezes, mergulhava no caos. Tão logo acordava, uma sensação o invadia: quem ele seria, naquele dia? Quantos eus em guerra haveria dentro dele? Qual era sua personalidade real, natural? Isso de fato existia? Como reconhecê-la, ao se deparar com ela? Traria consigo alguma etiqueta de garantia? Perdido naquele quarto de espelhos partidos, cujos reflexos fragmentados se projetavam até o infinito, entorpecer-se. (KUREISHI, 1997, p. 155)

Esse trecho indica o tema predominante no romance: o estilhaçamento do Eu. O romance *O álbum negro*, de Hanif Kureishi, é um *Bildungsroman*, ou um romance de formação, ou seja, uma narrativa que acompanha o percurso e as transformações da personagem de sua infância ou adolescência até a chegada da maturidade. Mas, mais que isso, *O álbum negro* é não somente o *Bildungsroman* de Shahid Hasan, jovem inglês filho de família paquistanesa de Karachi imigrada na Inglaterra; é também um *Bildungsroman* em um novo mundo, num mundo com uma nova conformação. Nele, vemos um mundo já bem diferente do mundo do século XVIII, quando o *Bildungsroman* historicamente se formou (MAAS, 2000). Trata-se de um mundo novo, descrito por Geertz, que, no ensaio *O mundo em pedaços*, fala de um “esgarçamento generalizado do mundo”, de um “mundo estilhaçado” (GEERTZ, 2001, p. 193) e de um “mundo desmontado ou em processo de desmonte” (GEERTZ, 2001, p. 198). Da mesma maneira, Kureishi, em *O álbum negro* (e também em outros dos seus romances), traz à luz personagens que podem muito bem ser descritas como Eus estilhaçados, em meio a um processo de esgarçamento do Eu, ou como um Eu há muito desmontado e tentando desesperadamente ao menos recolher os seus pedaços. Assim são as personagens de *O álbum negro* – Shahid, Chili, Chad, Brownlow, Deedee Osgood – bem como as de outros trabalhos do autor – Karim Amir, Harron, Charlie Hero, Changez, Jamila, de *O Buda do subúrbio*; Omar, Tania e Johnny de *Minha Adorável Lavanderia...*

Como exemplo, no romance de estreia de Hanif Kureishi, *O Buda do subúrbio* (1990), que também é um *Bildungsroman* sobre um jovem de origem indiana na Inglaterra, os mesmos temas vêm à tona: a fragmentação do sujeito e o pertencimento a duas casas, duas linguagens, duas tradições – enfim, a uma cultura híbrida. É assim, por exemplo, que o protagonista e narrador em primeira pessoa se apresenta nesse romance:

Meu nome é Karim Amir, inglês de nascimento e criação, ou quase. Frequentemente sou considerado um tipo curioso de inglês, de nova casta, pode-se dizer, resultado de duas antigas histórias. Não ligo – inglês eu sou (embora sem orgulho disso), venho dos subúrbios ao sul de Londres e vou para algum lugar. Talvez seja a estranha mistura de continentes e sangues, de cá e lá, de fazer parte e não fazer, que me deixe inquieto e facilmente entediado. Ou quem sabe ter nascido no subúrbio provoque isso. De qualquer modo, por que procurar no íntimo quando basta saber que eu corria atrás de encrenca, qualquer tipo de agitação, movimento ou aventura sexual que pudesse encontrar, pois as coisas andavam tão medonhas, tão lerdas e pesadas em nossa família, não sei por quê. Francamente, tudo aquilo me derrubava, estava pronto para o que desse e viesse. Então, um dia, tudo mudou. Pela manhã as coisas eram de um jeito, e à noite de outro. Eu tinha dezessete anos. (KUREISHI, 2003, p. 7)

Karim, em *O Buda do subúrbio*, é híbrido como Shahid em *O álbum negro*, em todos os sentidos: é mestiço, é o suburbano que sonha em se mudar para o centro de Londres, é bissexual. Usando os termos de Showalter (1993, p. 13), Karim rompe, transgride, transita em “fronteiras raciais, sociais e sexuais”. Showalter afirma que essas fronteiras – racial, social e sexual –, que se acentuaram e se endureceram na passagem do século XIX para o século XX, eram, já naquela época, formas inconsistentes de tentar manter uma ordem reconfortante e um sentimento de permanência, de não-mudança e não-transgressão, diante de um mundo já sempre fragmentado. Karim, por sua vez, em plenos anos 1970, rompe todas essas fronteiras, e, portanto, estilhaça ainda mais os parâmetros sociais, sexuais e raciais. Não só isso: ele descreve, por exemplo, sua descrença em regimes políticos (Karim está cercado de liberais, conservadores, trotskistas, tradicionalistas, monarquistas etc., sem, contudo, se apegar a nenhuma dessas formas de pensamento) e nas religiões (Karim transita com liberdade entre as várias tradições religiosas que o circundam), chegando até a ironizar com elas. Veja-se por exemplo o que ele conta sobre seu pai, um imigrante indiano que se tornava um guru budista, e sua amante:

(...) notei, graças à luz da lua, que Eva estava no banco. Tirava o kaftan por cima da cabeça. (...)

Debaixo e todo aquele cabelo e carne, virtualmente escondido de mim, estava meu pai. Sabia que era papai, porque ele estava gritando para todo o quarteirão de Beckenham, sem a menor preocupação com os vizinhos: “Ai meu Deus, ai meu Deus”. Teria sido eu concebido assim, imaginei, no ar da noite suburbana, ao som de blasfêmias cristãs a sair da boca de um muçulmano renegado que bancava o budista? (KUREISHI, 2003, p. 20)

Karim satiriza, portanto, os vínculos de religião, a tal ponto de fazer piadas blasfemas com elas. E mais ainda: em um só indivíduo, seu pai, Karim consegue encontrar três fortes tradições religiosas. Mais um exemplo, portanto, da identidade híbrida. Em contrapartida, Karim também nos conta, em seu discurso pleno de ironia, como ainda há uma forte resistência a esse hibridismo. Por exemplo, anos antes, ao saber do casamento da mãe de Karim com um indiano, a família inglesa da noiva de uma forma ou de outra reagiu, numa pretensa e ineficiente, e ainda risível, tentativa de manter uma unidade nacional e cultural da Inglaterra:

Ted e Jean nunca chamaram papai por seu nome indiano, Haroon Amir. Para eles, sempre foi “Harry”, e quando falavam dele a outras pessoas era sempre “Harry”. Já era suficientemente ruim que ele fosse indiano, e um nome esquisito passava da conta. Batizaram papai de Harry assim que o conheceram, e não havia nada que pudesse ser feito a esse respeito. Ele, por sua vez, os chamava de “Gim e Tônica”. (KUREISHI, 2003, p. 39)

Os tios Ted e Jean são portanto a representação de uma moral conservadora, bem como de uma identidade cultural nacional que vai perdendo sua certeza, e tentam negar a diversidade, a fragmentação, o hibridismo na Inglaterra. Mantêm com Haroon uma relação cordial – desde que ele tente parecer um inglês. O batismo de Haroon como Harry indica o quanto esperam que ele assuma um novo comportamento, inglês, tentando apagá-lo como o Outro, como possibilidade do diverso. Trata-se, então de uma tentativa de preservar um reconfortante sentido de identidade e de permanência, diante dessa implacável maré da mudança. O mundo se fragmenta, e Ted e Jean tentam fingir que não estão vendo o seu estilhaçamento.

Assim, diz Hall, abordando justamente a questão da identidade na “modernidade tardia”:

(...) o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado, composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. (...) O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. (HALL, 1999, p. 12)

O próprio autor Hanif Kureishi tem uma história que pode ser vista dentro dessa perspectiva, já que ele é fruto do que Hall (1999, p. 81) chama de um “enorme movimento de pessoas das periferias para o centro, num dos períodos mais longos e sustentados de migração ‘não-planejada’ da história recente”, ou seja, as migrações pós-Segunda Guerra Mundial, ao longo da descolonização. Nascido em Bromley, ao sul de Londres, em 1954, de um pai paquistanês e uma mãe inglesa – origem familiar que é contada por ele em seu livro *No colo do Pai* (2004) – é um dos autores dessa geração de artistas britânicos filhos de indianos, paquistaneses, africanos, que trazem uma nova voz e um novo ponto de vista sobre o mundo, sobre o país, sobre as relações coloniais, bem como novos temas e novas abordagens aos antigos temas do romance, já que, como diria novamente Hall (1999, p. 89), eles são “irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a um e, ao mesmo tempo, a várias ‘casas’ (e não a uma ‘casa’ em particular)”, vivendo uma cultura híbrida. E um dos temas privilegiados por Kureishi é justamente ser asiático na Inglaterra, buscar seu lugar e sua identidade, dentro dessa perspectiva de hibridismo – caminho cheio de tropeços e encantos – e sobreviver aos preconceitos decorrentes. Esses são os temas que surgem no seu roteiro para o filme *Minha adorável lavanderia* (1985, dirigido por Stephen Frears), em seus romances *O Buda do subúrbio* (1990), *O álbum negro* (1995) e *Tenho algo a lhe dizer* (2008) e nas memórias *No colo do pai* (2004). Em suas obras, de modo geral mergulhadas até o fundo em referências pop (rock, punk, new wave, cinema) Kureishi retrata essencialmente uma Londres cheia de vida, no seu lado mais sujo bem como no mais luxuoso, no lado mais conservador e tradicional e também no mais moderno e inovador, com suas bibocas e suas mansões, nos subúrbios ou no centro. Suas personagens vão desde os ingleses mais tradicionalistas até os artistas de vanguarda mais radicais, passando por hooligans, punks, skinheads, hippies, trotskistas, liberais, fundamentalistas, prostitutas, traficantes, viciados, professores universitários, estudantes universitários, imigrantes tentando manter seu modo de vida tradicional, filhos de imigrantes tentando encontrar um novo modo de viver... Nesse sentido, Kureishi vem de uma identidade cultural de Tradução, como diria Hall (1999, p. 88-9), ao referir-se ao escritor Salman Rushdie.

Rushdie que, por sinal, é uma figura importante evocada por Hanif Kureishi em *O álbum negro*. As peripécias de Shahid, o herói confuso do romance, acontecem em 1989, o turbulento ano em que o Muro de Berlim caiu, em que o colapso do comunismo nos países do Leste Europeu se tornava evidente, em que bombas terroristas explodiam em estações de

metrô, lojas, carros e aeroportos, em que as *raves* começavam a virar moda, e em que uma nova droga, o Ecstasy, começava a vir à luz... Esse também foi o ano em que Rushdie se viu condenado à *fatwa* devido à publicação de *Os Versos Satânicos*, e esse fato não é evocado no enredo de *O álbum negro* a troco de nada. O episódio surge no romance de Kureishi justamente para materializar os conflitos dessa nova identidade cultural e os choques que ela provoca. Ao mesmo tempo, é fato fundamental para o amadurecimento de Shahid, já que a primeira de suas grandes dúvidas é participar ou não dos protestos fundamentalistas contra a publicação de um certo livro muito polêmico e da queima de seus exemplares (interessante que, em momento nenhum do romance, o narrador explicita o nome de Rushdie e de sua polêmica obra, mas essa referência se torna logo clara ao leitor atento).

Em *O álbum negro*, o sonhador Shahid, aprendiz de escritor e apaixonado por literatura, em busca de arte, de erudição e de novidade, deixa a casa da sua abastada família no interior da Inglaterra para viver num decadente alojamento estudantil em Londres e estudar numa decadente universidade. Lá, se apaixona por Deedee Osgood, sua professora preferida, uma feminista libertária em busca do prazer e do amor. Ao mesmo tempo, se envolve e se identifica com o grupo fundamentalista islâmico liderado por seu colega Riaz Al-Hussain, que reúne em torno de si vários estudantes universitários. E, finalmente, tem que lidar com seu irmão mais velho Chili, arrogante e ambicioso, meio *dandi* meio *businessman*, viciado em cocaína, crack, heroína, que tenta dar um golpe em traficantes perigosos. E é justamente quando Riaz resolve fazer uma manifestação na universidade, queimando um certo livro polêmico, que Shahid compreende que está no lugar errado, e tem que se salvar, junto de Deedee e Chili.

Shahid, de *O álbum negro*, assim como Karim, de *O Buda do subúrbio*, vive numa Inglaterra que é um verdadeiro caldeirão étnico. Caribenhos, romenos, indianos, paquistaneses, chineses, japoneses, africanos, irlandeses se misturam na cidade. O romance traz às claras a heterogeneidade numa Inglaterra onde começa já a ser impossível até mesmo fingir uma unidade inequívoca, e esse esgarçamento do país se espelha numa fragmentação que se dá também no âmbito do Eu: em *O álbum negro*, muitas personagens vivem em busca de um Eu perdido ou nunca adquirido – Shahid, Chad, Chili, Deedee, Brownlow etc. Ou como afirma Hall:

(...) Em toda parte, estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição, entre diferentes posições, que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns num mundo globalizado. (HALL, 1999, p. 88)

Assim, com o uso de uma análise das personagens principais do romance, é possível exemplificar como o autor, por meio da ficção, discute essas identidades móveis, suspensas, em transição, contraditórias e muitas vezes não-resolvidas. Talvez a primeira dessas personagens seja Deedee Osgood, essa figura complexa e apaixonante, professora polêmica, que dá aulas usando ao mesmo tempo Frantz Fanon e música pop, benquista pelos alunos e ao mesmo tempo possuidora de péssima reputação, feminista liberal tentando articular as diversas esferas da sua vida – a profissão, o amor, a diversão, o idealismo. Desperta a admiração de Shahid, que encontra nela amor, desejo, erudição, reflexão. Para Shahid, Deedee, evidentemente, não é só uma parceira sexual: ela é também um estímulo ao livre-pensar, à arte, ao saber. Mas nem por isso, mesmo parecendo tão segura, tão senhora de si, ela está livre de suas dúvidas e estilhaçamentos. Diz ela:

Mato uma garrafa (de vinho), quase todas as noites. Sim, é melhor que muito casamento que conheço. Meus amigos que têm filhos invejam a vida de solteira. Posso sair para jantar. Foder quem bem entender. Ou ninguém, e pronto. O que mais uma moça poderia desejar? Mas não dá mais para levar a vida desse jeito. Não quero mais fazer tudo sozinha. Acho que tudo isso é duro demais, pois comecei a ter umas fantasias... (KUREISHI, 199, p. 216)

Em contrapartida, há o professor Andrew Brownlow, o marido de Deedee, que mantém com ela um casamento falido. Brownlow, que era um estudante brilhante nos anos 70 e recusou convites para trabalhar em Yale e Harvard para permanecer na Inglaterra porque acreditava em seu trabalho na universidade frequentada por imigrantes e filhos de imigrantes, foi um jovem revolucionário, idealista, que acreditava na sociedade pós-revolucionária, no leninismo... mas hoje, “Com mais de quarenta anos e perdido – sem o rumo de casa!” (KUREISHI, 1997, p. 252), tem crises terríveis de gagueira, desde o abalo do comunismo nos países do Leste Europeu. A piada corrente, na universidade, é que, se Cuba cair, Brownlow não conseguirá mais falar uma palavra sequer. Hoje, ele perdeu seu centro. De jovem seguro e

idealista, centrado naquilo que acreditava, perdeu todas as referências políticas, sociais e sexuais. Acabaram-se suas certezas. Ficou gago, apoiou a queima de livros na universidade, defendeu o fundamentalismo de Riaz, e assim descreve sua esposa Deedee e as mulheres da sua geração (para o choque de Shahid):

... as mulheres da geração (de Deedee) esperam demais dos homens. No final das contas, a que se resume o feminismo? A um punhado de mulheres brancas de classe média amarguradas, conseguindo tudo o que querem. Quem precisa de tantas discussões e agressões?(...)

Essas mulheres, elas vão fazer você correr feito um escravo. Depois vão tomar todo o seu dinheiro, o seu orgulho, o que mais você tiver, porra. Como se fosse culpa sua a humilhação que sofreram. Alguém como você, que pode conseguir qualquer coisa na vida, deveria procurar loiras jovens. (KUREISHI, 1997, pp. 246-7)

Já Chili, o irmão mais velho de Shahid, que traz ao romance o pano de fundo das referências familiares do protagonista, também é uma imagem estilhaçada. A propósito, toda a rica família Hasan apresenta suas rupturas e contradições. Eles enriqueceram, e agora já não se prendem a suas origens étnicas. Não são religiosos, não rezam, mas também é importante para eles manterem relações com parentes de Karachi. São todos descritos pelo estudante fundamentalista Riaz como “dissolutos”, como gente que “se perdeu”. O falecido pai de Shahid, quando agredido pelos ingleses por ser paquistanês, reagia aos berros, dizendo que defendera a Inglaterra na Segunda Guerra Mundial, e que os ingleses deveriam beijar sua medalha. A mãe de Shahid tenta a todo custo ignorar as agressões racistas que o filho sofria na escola quando criança. A bela e rica Zulma, esposa de Chili, é uma *socialite* que conhece todos os ricos e famosos paquistaneses em Londres e em Karachi (jogadores de cricket, atores, cantores, alpinistas sociais...). Já Chili tem ambições maiores (e cômicas):

O plano mais recente (de Chili) era enriquecer nos Estados Unidos, embora não fosse a voz da liberdade que atraísse Chili, e sim sua violenta intensidade. Não se cansava de assistir a *Era uma vez na América*, *Scarface*, *O poderoso chefão* – como se fossem documentários escolares. Chegou a maldizer papai – pelas costas, claro – por escolher a cansada Inglaterra, em vez de ficar na fila em Ellis Island, junto com os judeus, poloneses, irlandeses e armênios. A Inglaterra não valia grande coisa, era rígida demais. Impossível conquistar a verdadeira glória num país onde a polícia usava capacetes que mais pareciam joelhos dobrados. Chili pensava que nos Estados Unidos seria alguém, mas não pretendia ir para lá sem dinheiro. Primeiro se estabeleceria em Londres, e depois atacaria Nova York, abrindo caminho com sua “reputação”. (KUREISHI, 199, p. 60)

Em contrapartida, para outras personagens, a identidade étnica se torna uma tentativa de encontrar esse Eu perdido ou nunca antes possuído, uma tentativa de escapar desse esgarçamento ou estilhaçamento de identidades. Um bom exemplo é a personagem Chad, que, das várias personagens que fazem parte do grupo de jovens fundamentalistas, é a mais interessante. Trata-se do braço direito do líder Riaz, um rapaz de origem asiática, enorme, forte, radical, que pode se tornar violento a qualquer momento em defesa de sua causa. O nome verdadeiro de Chad é Trevor Buss. Foi adotado por um casal branco, com uma mãe que maldizia os paquistaneses e que defendia sua integração na cultura nacional. Envolveu-se com drogas, viciou-se, traficou. No entanto:

Quando chegou à adolescência, viu que não tinha raízes, nenhuma ligação com o Paquistão. Nem mesmo sabia falar a língua. Começou a frequentar aulas de urdu. Mas, quando tentava pedir o sal, em Southall, todos zombavam de seu sotaque. Na Inglaterra, os brancos o olhavam como se ele fosse roubar o carro deles, ou a bolsa, principalmente porque se vestia como um mendigo. No Paquistão, seria considerado um estrangeiro. Como se encaixaria numa teocracia terceiro-mundista?(...)

Ele mudou o nome para Muhammad Shahabuddin Ali-Shah. (...) Insistia no nome completo. Jogava futebol, e os companheiros de time ficavam possessos, pois eram obrigados a dizer 'Passe a bola, Muhammad Shahabuddin Ali-shah'. Ninguém passava a bola para ele. Por isso, tornou-se Chad". (KUREISHI, 1997, p. 114-5)

Chad, talvez mais que qualquer outra personagem, dá mostras das contradições a que leva a não-compreensão do sujeito do hibridismo de sua própria identidade: por um lado, defende que as moças do grupo usem véu, por outro tem dificuldade de largar suas calças jeans apertadas; acredita na manutenção dos costumes mais tradicionais do islamismo sem que ele seja "contaminado" por costumes estrangeiros, mas sente saudades de quando ouvia rock sem se conter; tenta convencer Shahid a parar de ouvir música pop, mas inveja sua coleção de discos. A curiosa história de Chad, de todo modo, evidencia uma série de traços diacríticos que são usados para a afirmação de uma identidade étnica: o nome, a língua, a religião, os hábitos e costumes, as formas de vestir, de cortar o cabelo, de manter a barba... O vínculo étnico, o sentimento de pertença, a ligação presumida de sangue e de origem, são, para Chad (bem como para outras personagens), uma tentativa de encontrar um centro ou uma unidade, alguma certeza (que, contudo, não são mais possíveis de se encontrar), em torno do qual possam organizar toda sua vida. Essa tentativa de unicidade virá por meio de Riaz e suas pregações.

Mas evidentemente, a sensação de centralidade ou de unicidade ou de certeza vai ser ilusória, pois eles continuarão fragmentados, sentindo-se cada vez mais perdidos. Mesmo porque Riaz, por mais que pareça sério, ou tente parecer sério, se torna logo patético aos olhos espertos de Shahid, que bem cedo percebe que o líder fundamentalista, que de início lhe parecia tão certo e seguro, não tem respostas além da arrogância, que o grupo é infantilizado, que suas ações são impotentes. Fica contudo claro, aqui, que “os grupos étnicos são vistos como uma forma de organização social” (BARTH, 2001, p. 193); que a pertença étnica se politiza (WEBBER, 2004); que “longe de proceder em Roma como os romanos, nunca se era tão apegado às tradições culturais do que na diáspora” (CUNHA, 1986, p. 99); e que esse sentimento de pertença se baseia nos laços, de sangue ou origem comum, sejam eles reais ou presumidos e imaginados, o que se evidencia no tratamento dos membros do grupo de Riaz: “irmão, irmã”. Mas fique claro que não é a pertença étnica em si que é criticada pelo romance, mas a crença falsa na unidade e centralidade do sujeito, da identidade, seja ela por parte da imagem soberana da nação inglesa, seja por parte dos fundamentalismos.

Já para Shahid, o protagonista, a questão é bem mais complexa. A tentativa de encontrar um centro em torno do qual transitar é plena de possibilidades. Por um lado, há Deedee Osgood e tudo o que ela traz consigo: a erudição, o mundo acadêmico, as artes e a literatura, o livre-pensar, o amor e o sexo, o desejo, o ideal libertário. Por outro, há Riaz e sua afirmação fundamentalista, o vínculo com a cultura tradicional e a pertença étnica. E por outro lado ainda, há Chili e a ligação familiar, bem como o apelo do dinheiro, do enriquecimento, das oportunidades financeiras. Assim, Shahid é também um Eu fragmentado, estilhaçado, esgarçado, incerto, e oscila, durante todo o romance, entre Deedee, Riaz e Chili, sem saber a quem se prender, a quem ouvir, a quem seguir. Ao longo dos capítulos, seu percurso é correr de um lado para o outro, entre essas três esferas – Deedee, Riaz e Chili:

(...) Sentia-se culpado por abandonar os companheiros na hora do perigo. Passaria algumas horas com Deedee, conversando, e se reuniria à turma mais tarde, naquela mesma noite. Temia, também, as expectativas daquela mulher em relação a ele, as exigências que poderia fazer, as emoções que poderia sentir e induzi-lo a sentir. Mas, por motivos que não conseguia compreender, precisava dela, embora não se permitisse admitir esse fato. (KUREISHI, 1997, p. 111)

Afinal de contas, o que Shahid quer? Várias coisas ao mesmo tempo. Ele oscila entre viver intensamente a sobremodernidade, e, ao mesmo tempo, assumir-se como fundamentalista islâmico, em sua fé e suas crenças políticas e sociais; entre a academia e a intelectualidade, e as raves e o ecstasy; entre a arte e a beleza, e a busca do prazer livre; entre o amor, o desejo e o sexo, e a herança familiar; entre seu gosto pelas liberdades individuais e os direitos de experimentar de tudo e de todos, e a obediência compulsória às regras de seu grupo; entre o vínculo a seu grupo étnico que lhe oferece uma ilusão de unidade, e a Londres multifacetada e histriônica que se abre diante dele e que ele tanto deseja; entre a *fatwa* de um escritor polêmico, e sua intensa paixão pelos livros. Ama os mais diversos autores: de Flaubert e Dostoievski a Raymond Chandler e Hunter S. Thompson, passando por Lorca e Garcia Márquez. Mas sempre faz umas pausas para ouvir Prince, Doors, Pretenders, Eurythmics, The Police, Bob Dylan, Blondie...

O próprio fato de *O álbum negro* ser um *Bildungsroman* favorece o tema da fragmentação do Eu em Shahid. Afinal, o grande conflito de todo *Bildungsroman*, por assim dizer, é do Eu contra o próprio Eu. O *Bildungsroman* é mesmo um tipo de romance que narra os conflitos da personagem envolvida com seu próprio processo de crescimento, tentando encontrar sua identidade como adulto, saindo da infância ou da adolescência. De início, nesse tipo de romance, o problema do protagonista é encontrar sua identidade, seu centro, suas certezas. No caso de Shahid, o problema se potencializa, já que, além do hibridismo de sua idade, entre a adolescência e a vida adulta, ele tem de lidar com o seu hibridismo cultural.

Shahid, assim como Karim, de *O Buda do subúrbio*, também transita entre as fronteiras sexuais, sociais e raciais, das quais nos fala Showalter (1993). Porém, se, segundo essa autora, na virada do século XIX para o XX havia uma tentativa de manutenção dessas fronteiras, de conter cada raça, classe e gênero em seu lugar definido, em *O álbum negro* nem a tentativa de estabelecer lugares, de que fala Showalter, é mais possível. Não há mais como manter as diferentes etnias, as diferentes classes sociais e os diferentes gêneros em seus devidos lugares. Não há nem mesmo como fingir fazer isso. Essas fronteiras se chocam, entram em embate, atravessando-se uma à outra e criando contradições e situações de alta complexidade. Assim, por um lado, há a marginalização de minorias étnicas; por outro, a marginalização dos brancos extremamente pobres: brancos pobres marginalizados marginalizando minorias étnicas; ou minorias étnicas marginalizando brancos pobres por serem pobres:

“Páqui, páqui, páqui”, gritava. Seu corpo se tornou uma coluna recurvada pela raiva, por cuja abertura superior jorravam ofensas. “Vocês roubaram nossos empregos! Nossas casas! Os páquis ficaram com tudo! Devolvam o que roubaram e voltem para casa!” (KUREISHI, 1997, p. 147)

(...) Bem, não dava para considerar Chili um defensor ortodoxo da comunidade. Uma de suas namoradas negras o convencera a ir a uma passeata contra o racismo, e, quando o pessoal do National Front gritou: “Voltem para casa, páquis!”, Chili, vestindo terno cor de visom, desagradou a todos ao exhibir a carteira recheada para os racistas e gritar: “Voltem vocês para seus conjuntos habitacionais, pés-rapados!” (KUREISHI, 1997, p. 147)

Assim, mesmo vindo de uma família rica, Shahid fica restrito a estudar em uma universidade decadente, deixada em segundo plano pelo governo justamente por ser frequentada por minorias étnicas:

A faculdade ficava num prédio vitoriano, sufocante, antes sede de uma escola secundária, a vinte minutos dali, a pé. Destinava sessenta por cento das vagas a negros e asiáticos, possuía uma biblioteca inútil e nada de quadra esportiva. Conquistara sua reputação por causa das brigas de gangues, drogas, furtos e violência política, mais do que pela excelência acadêmica. (KUREISHI, 1997, p. 31)

Ou ainda, há a questão sexual em conflito com a questão étnica. Assim, para Shahid, o sexo com Deedee é redentor:

Shahid recordou-se dos brindes com vodca ao lado de Deedee; pensou no jeito como ela o tocava com as mãos, em como o sexo era, para ela, igual à dança: seu corpo inteiro se enchia de vida, reagindo a tudo. Sentia-se inepto, só pensava em enfiar o pau; não conseguia tocar ou sentir como Deedee. Ela explicou que ele ainda não aprendera a localizar sua sensualidade. Ele ansiava por aprender, a prática o tornaria mais hábil. (KUREISHI, 1997, p. 148)

Junto de Deedee, tão experiente e segura com sua sexualidade e desejos, Shahid deixa de ser o macho poderoso onipotente: ele tem que humildemente admitir sua inexperiência e inaptidão, e aceitar o aprendizado que ela lhe oferece. Entretanto, sua relação com Deedee é proibida, segundo seus amigos do grupo de Riaz, justamente porque ela é branca.

Ao longo de todas as suas experiências, Shahid tenta, então, encontrar essa identidade, seja ela qual for. Por isso, é possível dizer que ele começa o romance como um Eu fragmentado, e termina como um Eu múltiplo, ao compreender, em meio a todas as suas aventuras, que sua identidade é de fato multifacetada. Há na atitude de Shahid uma crítica ao consenso. Ele faz de sua fragmentação seu traço mais importante, porque enfim toma consciência de que não há mais certezas, de que pode ser, e de fato é, várias coisas ao mesmo tempo, por mais contraditórias e conflituosas que elas possam ser dentro de si. Shahid se desliga do grupo fundamentalista, salva seu irmão e é salvo por ele, e continua seu relacionamento com Deedee. Até quando a situação se manterá assim tão alegre? Não se sabe. Mesmo porque Kureishi rejeita dar respostas prontas, ou a fechar seus romances. Eles se mantêm cheios de possibilidades. Assim como Karim Amir, personagem-narrador de *O Buda do subúrbio*, Shahid se encontra no cruzamento de várias linguagens. Ou, segundo Hall:

Eles devem aprender a habitar, no mínimo, duas identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e a negociar entre elas. As culturas híbridas constituem um dos diversos tipos de identidade distintivamente novos produzidos na era da modernidade tardia. Há muitos outros exemplos a serem descobertos. (HALL, 1999, p. 89)

*O Buda do subúrbio* tem um fim ao mesmo tempo alegre e melancólico:

Eu podia pensar no passado e em tudo que tinha acontecido, enquanto lutava para me situar no mundo e aprender o que era o coração. Talvez no futuro conseguisse viver mais profundamente.

E fiquei ali sentado, no centro daquela velha cidade que amava, cidade que estava sentada no centro de uma ilha minúscula. Rodeado de gente que amava, me sentia feliz e desgraçado ao mesmo tempo. Pensei na confusão geral por que passara, mas isso não seria sempre assim. (KUREISHI, 2003, p. 303)

Bem como *O álbum negro*, que termina com os questionamentos de Shahim, na sua crença nas incertezas e na dúvida, em sua recusa por respostas fechadas: “para variar, aceitaria a incerteza. Talvez a sabedoria viesse daquilo que a pessoa não sabia, e não das certezas. Torcia por isso, pelo menos” (KUREISHI, 1992, p. 304):

(...)Precisava descobrir algum sentido em suas experiências recentes; queria compreendê-las. Como alguém conseguia viver confinado a um único sistema ou credo? Por que achavam que deveriam agir assim? Não existia uma personalidade imutável, sem dúvida as várias personalidades mudavam e se misturavam, diariamente. Deveria haver inúmeras maneiras de lidar com o mundo. Ele pretendia ampliar seus horizontes, no amor e no trabalho, guiado por sua curiosidade. (KUREISHI, 1997, p. 281)

Assim, o processo de amadurecimento de Shahid, o percurso por que ele passa para encontrar seu lugar no mundo, encontrar sua identidade, seu Eu, é justamente seu processo de tomada da consciência do seu hibridismo, de sua pluralidade, de seu eu múltiplo. *O álbum negro* começa com um menino tentando achar algo em que se segurar, em que se apoiar para ser e agir no mundo, tentando se construir como sujeito unitário. Termina, no entanto, com o homem entendendo que não há só um único ponto de apoio, que não há possibilidade de ser unitário, que há vários modos de viver possíveis. Shahid está aí para romper limites, para ser híbrido, múltiplo, ocupando vários espaços possíveis, várias condições possíveis. Kureishi trabalha profundamente com a ideia da identidade em tempos pós-coloniais, na pós-modernidade: ele expressa essa angústia da fragmentação do Eu, e aponta para possibilidade de hibridismo e multiplicidade do Eu, consciente de que a identidade não é algo fechado – mas é algo que se constrói constantemente, sendo sempre múltipla e híbrida, sem fim.

### Referências Bibliográficas

BARTH, Fredrik. *Os grupos étnicos e suas fronteiras*. In: POUTIGNAT, Philippe.; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: UNESP, 2001, p. 191-249.

CUNHA, Manuela C. “Etnicidade: da cultura residual mas irreduzível”. In: **Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade**. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 97-108.

GEERTZ, Clifford. “Um mundo em pedaços: cultura e política no fim do século”. In: **Nova Luz sobre a Antropologia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001, p. 191-228.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

KUREISHI, Hanif. **O Buda do subúrbio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 304.

\_\_\_\_\_. **O álbum negro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 286.

\_\_\_\_\_. **O dom de Gabriel**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 252.

\_\_\_\_\_. **No colo do pai**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 144.

MAAS, Wilma P. M. D. **O cânone mínimo** – O Bildungsroman na história da literatura. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

SHOWALTER, Elaine. **Anarquia Sexual – Sexo e cultura no fin-de-siècle**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

WEBER, Max. “Relações comunitárias étnicas”. In: **Economia e sociedade**. Brasília: Editora UNB, 2004, p. 267-277.

### **Filmografia**

*MINHA Adorável Lavanderia (My beautiful laundrette)*. Direção: Stephen Frears. Roteiro: Hanif Kureishi. Intérpretes: Gordon Warnecke, Daniel Day-Lewis, Roshan Seth. Inglaterra, 1995.